

ANO 6

2014

# IFDM

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL

ANO BASE 2011

## Expediente

### Sistema FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

Presidente Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira

### Vice-Presidência Executiva

Augusto Franco Alencar

### Diretoria de Desenvolvimento Econômico

Luciana de Sá

### Gerência de Economia e Estatística

Guilherme Mercês

### Equipe Técnica:

Tatiana Sanchez

Marcelo Nicoll

Jonathas Goulart

Marcio Afonso

Carolina Neder

João Alter

William Figueiredo

Davidson Nascimento

Alexandre Gomes

Nayara Freire

.....

### Elaboração do Estudo

DDE – Diretoria de Desenvolvimento Econômico

GEE – Gerência de Economia e Estatística

### Produção Gráfica

SESI/SENAI Maracanã

[www.firjan.org.br/ifdm](http://www.firjan.org.br/ifdm)

## Índice

Introdução .....	1
Resultados 2011 .....	4
Maiores e Menores .....	7
Regiões Brasileiras .....	9
Capitais .....	11

# Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal

## IFDM 2011

### Introdução

O **Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal – IFDM** – foi criado em 2008, tendo em vista a necessidade de se monitorar anualmente o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, considerando as diferentes realidades da menor divisão federativa: o município. Desde sua criação, o IFDM acompanhou o desenvolvimento de todos os 5.565 municípios do país, apresentando-se como referência no acompanhamento anual dos aspectos básicos ao desenvolvimento das cidades, nas três áreas fundamentais ao desenvolvimento humano - **Educação, Saúde e Emprego&Renda**.

Dessa forma, consolidou-se como ferramenta de *accountability* social e importante farol às políticas públicas locais e regionais, e como insumo para estudos nacionais e internacionais a respeito do desenvolvimento brasileiro. Mensalmente, milhares de pessoas procuram as páginas do Sistema FIRJAN<sup>1</sup> para acompanhar o desenvolvimento de seu município. Além disso, programas federais como o “Cidades Digitais”, do Ministério das Comunicações, e os sites oficiais de diversas prefeituras do país utilizam o IFDM como instrumento de transparência e gestão. Na academia, o IFDM já foi citado em mais de 400 trabalhos<sup>2</sup>.

O acompanhamento sistemático dos municípios brasileiros não deixou dúvidas quanto às profundas transformações socioeconômicas pelas quais o país passou na última década. Pelos números do IFDM foi possível constatar significativa mudança nos padrões de desenvolvimento da região Nordeste, assim como a ascensão do Centro-Oeste a padrões semelhantes aos observados no Sudeste e no Sul, e o surgimento de municípios de alto desenvolvimento, especialmente no interior de São Paulo. Da mesma forma, ficou a certeza a respeito do enorme desafio de se levar o desenvolvimento ao interior da região Nordeste e aos extremos da região Norte, com o objetivo de desconstruir a imagem clássica de “dois Brasis”.

O avanço de algumas das variáveis acompanhadas pelo IFDM na última década salta aos olhos, dando a dimensão das transformações ocorridas no cotidiano da população brasileira. No período 2000 – 2010, os registros de óbitos mal definidos caíram pela metade, de 15% para 7%, e a taxa de abandono no ensino fundamental despencou de 12% para 3%. Além disso, houve significativa formalização do mercado de trabalho com ampliação de mais de 13 milhões de trabalhadores com carteira assinada.

Muitos desafios, no entanto, permanecem, principalmente quando se compara a realidade brasileira à de outras nações do mundo. A taxa de abandono no ensino fundamental, por exemplo, é duas vezes maior que a encontrada em outros países sulamericanos, que também estão à frente do Brasil no que diz respeito ao acompanhamento da saúde da população. O mercado de trabalho brasileiro, por sua vez, tem muito a evoluir no que tange à distribuição da renda e da geração de empregos formais, ainda muito desigual entre municípios urbanos e rurais, entre o Norte e o Sul do país.

Apesar de ainda persistirem problemas da década passada – e até mesmo do século passado – o avanço do desenvolvimento trouxe novas escolhas e questões a serem consideradas pela sociedade brasileira, cujas expectativas quanto as suas condições sociais e econômicas certamente não são as mesmas de alguns

<sup>1</sup> A página do IFDM possui em média 8mil acessos por mês. [www.firjan.org.br/ifdm](http://www.firjan.org.br/ifdm)

<sup>2</sup> Resultado de busca no Google Acadêmico para “IFDM FIRJAN”, em 13 maio 2014.

anos atrás. Na verdade, o desenvolvimento é exatamente isso: **“um processo de mudança da sociedade no sentido de melhorar o bem-estar da população ao longo do tempo, alargando o seu leque de escolhas nos domínios da saúde, educação e rendimento”**, segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD<sup>3</sup>).

Medir o desenvolvimento implica então na reavaliação periódica das escolhas possíveis e dos níveis de acesso alcançados. Por isso, após uma década de acompanhamento dos municípios, o IFDM foi aprimorado para captar os novos desafios do desenvolvimento brasileiro. O trabalho de revisão da metodologia teve três pilares: ampla revisão de literatura, identificação de novas variáveis e aplicação de testes estatísticos com vistas a confirmar as hipóteses teóricas e avaliar a estrutura de pesos do índice.

A revisão do Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM) manteve as características únicas e as premissas da metodologia original, quais sejam:

- Acompanhar as três principais áreas de desenvolvimento: **Educação, Saúde, Emprego&Renda**;
- Possuir periodicidade **ANUAL**, recorte **MUNICIPAL** e cobertura **NACIONAL** dos 5.565 municípios brasileiros;
- Utilizar-se exclusivamente de **estatísticas públicas oficiais**<sup>4</sup>;
- Ter **foco no município** e, portanto, considerar que a execução de políticas públicas para atuar no desenvolvimento local das variáveis acompanhadas deve ser passível de **responsabilização municipal**;
- Permitir **comparações absolutas e relativas**, identificando se a melhora ocorrida em determinado município decorreu da adoção de políticas específicas ou apenas da queda ou ascensão dos demais municípios no ranking;
- Possuir **fácil leitura**: o índice varia de 0 a 1, sendo que, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento da cidade.

O principal incremento foi situar o Brasil no mundo. A nova metodologia buscou padrões de desenvolvimento encontrados em países mais avançados, utilizando-os como referência para os indicadores nacionais. Como país globalizado, metas e parâmetros de desenvolvimento podem e devem ser aqueles já alcançados por outras nações, e não apenas aqueles estabelecidos pelas diferentes instâncias de governos. Com isso, alarga-se o leque de escolhas da sociedade nos domínios da saúde, da educação, do emprego e da renda. Outro ponto importante foi a atualização de metas e parâmetros nacionais. Neste caso, o ano de referência deixou de ser 2000 e passou a ser 2010.

Entre as áreas de desenvolvimento, a **Saúde** ganhou um novo componente: *Internações Sensíveis à Atenção Básica*. Este indicador acompanha as internações hospitalares que poderiam ter sido evitadas caso os serviços de atenção básica de saúde tivessem sido efetivos. Em outras palavras, não é desejável se ter um alto percentual de internações hospitalares, por exemplo, por anemia, hipertensão ou diabetes,

<sup>3</sup> O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é a agência líder da rede global de desenvolvimento da ONU e trabalha principalmente pelo combate à pobreza e pelo Desenvolvimento Humano.

<sup>4</sup> As fontes primárias de dados são os Ministérios do Trabalho e Emprego, da Educação e da Saúde.



uma vez que estas poderiam ser evitadas através da prevenção por ação da atenção básica<sup>5</sup>. Além disso, foram incorporados parâmetros internacionais para as taxas de óbitos infantis, bem como aumentadas as exigências quanto ao atendimento às gestantes e à identificação de óbitos.

Em **Emprego&Renda** foram introduzidos dois novos conceitos: desigualdade e grau de formalização do mercado de trabalho local. O primeiro incorpora ao cálculo do IFDM o tradicional índice de Gini, medido a partir da remuneração dos trabalhadores com carteira assinada. Dessa forma, é possível avaliar a concentração da renda gerada no mercado de trabalho local. O segundo conceito procura medir a capacidade do município de absorver a população local, através da relação entre o estoque de trabalhadores com carteira assinada e a população em idade ativa. Além disso, a variável salário foi substituída pela massa salarial, de forma a captar a relevância econômica do município e, portanto, seu potencial de servir como vetor de desenvolvimento para outros municípios.

No IFDM **Educação** não houve inclusão de variáveis, mas sim atualização dos parâmetros de desenvolvimento, que passaram a se basear no ano 2010, em metas de governo e em padrões internacionais. Dessa forma, foram reforçadas as exigências quanto à formação de professores e ao atendimento em creches e pré-escolas, bem como às taxas de abandono e de distorção idade série.

Abaixo, o quadro-resumo das variáveis que compõem o cálculo do novo Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (ver resumo metodológico em anexo para maior detalhamento).

**Quadro - Resumo dos Componentes do IFDM**  
- por Área de Desenvolvimento -

IFDM		
Emprego&Renda	Educação	Saúde
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Geração de emprego formal</li> <li>▪ Absorção da mão de obra local</li> <li>▪ Geração de Renda formal</li> <li>▪ Salários médios do emprego formal</li> <li>▪ Desigualdade</li> </ul> <p>Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Matrículas na educação infantil</li> <li>▪ Abandono no ensino fundamental</li> <li>▪ Distorção idade-série no ensino fundamental</li> <li>▪ Docentes com ensino superior no ensino fundamental</li> <li>▪ Média de horas aula diárias no ensino fundamental</li> <li>▪ Resultado do IDEB no ensino fundamental</li> </ul> <p>Fonte: Ministério da Educação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Número de consultas pré-natal</li> <li>▪ Óbitos por causas mal-definidas</li> <li>▪ Óbitos infantis por causas evitáveis</li> <li>▪ Internação sensível à atenção básica (ISAB)</li> </ul> <p>Fonte: Ministério da Saúde</p>

Esta edição do IFDM está distribuída em quatro seções. A primeira – Resultados do IFDM 2011 – traz um panorama abrangente dos resultados, feito através da análise do comportamento do índice geral e de suas vertentes, entre 2010 e 2011, respectivamente, último ano da década passada e primeiro desta década. A segunda seção – Maiores e Menores – se dedica ao estudo dos extremos do ranking do IFDM 2011, lançando luz sobre o ainda presente retrato de “dois Brasis”. Em seguida, são tratadas as particularidades de cada uma das regiões brasileiras. Por fim, a quarta seção descreve o desempenho das Capitais.

<sup>5</sup> Essa é uma discussão recente no mundo, que surgiu na década de 90, e foi oficializada como importante indicador de atenção primária no Brasil pelo Ministério da Saúde em 2008. Lista completa doenças que compõem o indicador de Internações Sensíveis à Atenção Básica (ISAB), conforme Classificação Internacional de Doenças (CIDs), encontra-se no anexo da Portaria nº221 de 17 de abril de 2008 do Ministério da Saúde.

## Resultados IFDM 2011

O IFDM Brasil 2011 atingiu 0,7320 pontos, mantendo a trajetória ascendente registrada em toda a série – Gráfico 1. Frente ao ano anterior, houve crescimento de 1,8%, refletindo avanço do indicador na maior parte dos 5.565 municípios brasileiros: 3.653 (66,7%) iniciaram esta nova década em situação melhor do que terminaram a passada.

De fato, há um processo de desenvolvimento em curso, ilustrado pela redução do percentual de municípios com desenvolvimento regular ou baixo – Gráfico 2. Os de baixo desenvolvimento foram apenas 106 (1,9% do total) no IFDM 2011, 84 a menos que no ano anterior. Esse movimento significou uma migração de municípios para a classificação de desenvolvimento moderado, que passou a representar 55,2% do total. Somente em 2011, 204 ascenderam a esta condição. Para o grupo de alto desenvolvimento, no entanto, apenas 35 municípios ascenderam naquele ano. Em todo o Brasil, só 332 cidades (6,0% do total) alcançaram essa classificação.

No topo do ranking nacional do IFDM, entre os dez primeiros colocados, houve domínio total de São Paulo. Neste grupo, praticamente todos os municípios apresentaram alto desenvolvimento nas três áreas acompanhadas<sup>6</sup>. A primeira colocação no IFDM 2011 ficou com Louveira-SP (0,9161 pontos), seguida de perto por São José do Rio Preto-SP (0,9156). Já entre os dez últimos, oito são da região Norte, dois da região Nordeste, e todos apresentaram notas muito baixas nas três vertentes. A última colocação ficou com Santa Rosa do Purus-AC (0,2819), enquanto a penúltima com Atalaia do Norte-AM (0,2916) – Tabela 1.

Gráfico 1.  
IFDM

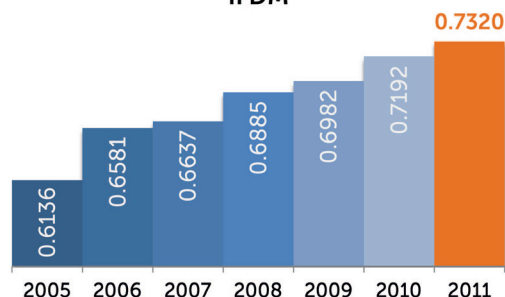


Gráfico 2.

Distribuição dos Municípios Brasileiros por Grau de Desenvolvimento

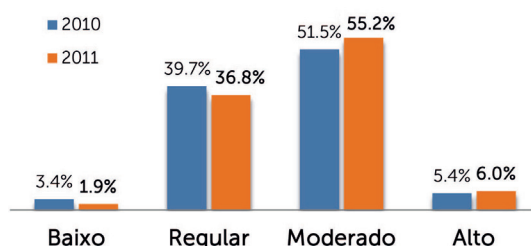


Tabela 1.

10 Primeiros IFDM Brasil 2011

Ranking	UF	Município	IFDM
1º	SP	Louveira	0,9161
2º	SP	São José do Rio Preto	0,9156
3º	SP	São Caetano do Sul	0,9041
4º	SP	Barueri	0,9038
5º	SP	Santos	0,9023
6º	SP	Votuporanga	0,9016
7º	SP	Amparo	0,9007
8º	SP	Vinhedo	0,8985
9º	SP	Indaiatuba	0,8969
10º	SP	Jundiaí	0,8952

10 Últimos IFDM Brasil 2011

Ranking	UF	Município	IFDM
5503º	PA	Bagre	0,3349
5504º	PA	São João do Araguaia	0,3333
5505º	AM	Santa Isabel do Rio Negro	0,3308
5506º	AM	São Paulo de Olivença	0,3210
5507º	AM	Nova Olinda do Norte	0,3207
5508º	PA	Jacareacanga	0,3115
5509º	BA	Caatiba	0,3069
5510º	BA	Novo Triunfo	0,3029
5511º	AM	Atalaia do Norte	0,2916
5512º	AC	Santa Rosa do Purus	0,2819

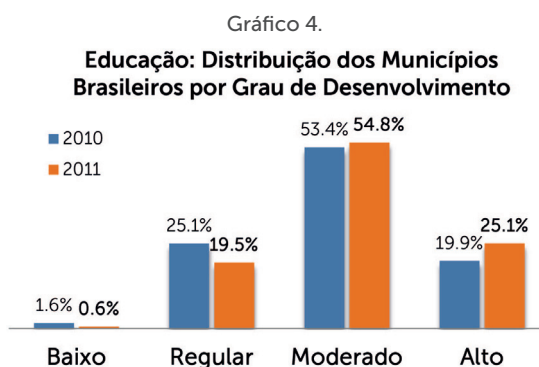
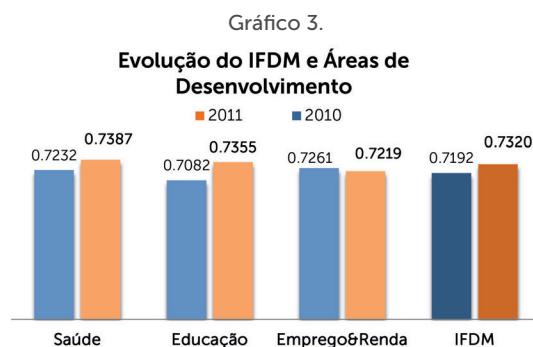
<sup>6</sup> Apenas São Caetano do Sul apresentou desenvolvimento moderado na vertente Emprego&Renda.

No que diz respeito às áreas de desenvolvimento acompanhadas, Saúde e Educação foram os grandes destaques do IFDM 2011. Em um cenário de desaceleração da geração de empregos e menor crescimento da renda, o avanço nessas áreas foi determinante para o crescimento do índice frente ao ano anterior.

O *IFDM-Educação* atingiu 0,7355 pontos em 2011 e foi o indicador que mais cresceu em relação ao ano anterior: 3,9%. Este foi o quinto avanço consecutivo dessa área de desenvolvimento, e em 2011, o crescimento ocorreu em 81% dos municípios. Esse resultado refletiu, principalmente, o aumento das notas do IDEB em 3.921 municípios (70,5% do total). Dessa forma, a maioria dos municípios brasileiros (54,8%) ficou com desenvolvimento moderado nessa vertente em 2011, enquanto um quarto atingiu o alto desenvolvimento. Ainda assim, um quinto do país apresenta indicadores de educação regulares ou baixos.

Quatro municípios atingiram nota máxima (1,0 ponto) no *IFDM-Educação 2011*, todos de São Paulo: Borá, Gabriel Monteiro, Marinópolis e Santa Salete. Além dos primeiros lugares, os municípios paulistas mantiveram a supremacia entre 100 melhores resultados de 2011 com 96 cidades. Na outra ponta do ranking, Bagre - PA (0,2744 pontos) continuou com o pior resultado. Ainda na parte de baixo do ranking do *IFDM Educação*, vale destacar a presença absoluta de municípios das regiões Norte (24) e Nordeste (76) entre os 100 piores. Entre as capitais, São Paulo-SP se manteve como a mais desenvolvida no *IFDM Educação* (0,8948 pontos), enquanto Maceió-AL (0,5355) seguiu como a pior capital nessa vertente.

Por sua vez, o *IFDM-Saúde* cresceu 2,1% em 2011, atingindo 0,7387 pontos e com melhora do indicador em 65% dos municípios. Esses resultados refletem a evolução de todas as variáveis que compõe o *IFDM-Saúde*, em especial do indicador de internações sensíveis à atenção básica (ISAB) que teve um incremento de 3,6%. Dessa forma, o número de municípios com alto desenvolvimento subiu de 1.415 para 1.583, com destaque para as regiões Sudeste e Sul. Apesar da melhora observada, vale ressaltar que o número de municípios com baixo desenvolvimento





no *IFDM Saúde* é dez vezes maior que o observado no *IFDM Educação*, evidenciando um longo caminho para a saúde básica do país, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste que juntas reuniram 260 dos 303 municípios nessa situação.

No ranking do *IFDM-Saúde*, Trabiçu-SP ficou com a primeira colocação ao atingir 0,9997 pontos em 2011 e Jacareacanga-PA (0,1623) com a última. Para se ter uma ideia da diferença entre essas cidades, enquanto na primeira quase 100% das gestantes foram ao médico mais de seis vezes antes de ter seu bebê, conforme preconizado pela Organização Mundial da Saúde, na última, esse número só chega a 17%. Entre as capitais, quinze alcançaram o status de alto desenvolvimento na vertente Saúde, com destaque para Curitiba-PR que se manteve na liderança com 0,9693 pontos. Por outro lado, Macapá-AP, com 0,6269 pontos, se manteve na última colocação.

O *IFDM-Emprego&Renda* foi a única vertente que recuou em 2011, o índice passou de 0,7261 para 0,7219 pontos (-0,6%). O número de municípios com alto desenvolvimento caiu de 124 para 97, enquanto o de municípios com baixo desenvolvimento aumentou de 1.624 para 1.686. Esses dados refletem a desaceleração da economia brasileira naquele ano, quando o saldo de geração de postos de trabalho com carteira assinada foi 23% inferior ao registrado no ano anterior.

Na vertente *Emprego&Renda*, o primeiro lugar foi de Ipojuca-PE (0,8938 pontos) e o último de Santa Quitéria do Maranhão-MA (0,0968). Entre as capitais, destacou-se Porto Velho-RO (0,8279) que manteve o primeiro lugar em função da significativa movimentação de trabalhadores para atender às obras das usinas de Jirau e Santo Antônio.

Gráfico 5.

### Saúde: Distribuição dos Municípios Brasileiros por Grau de Desenvolvimento

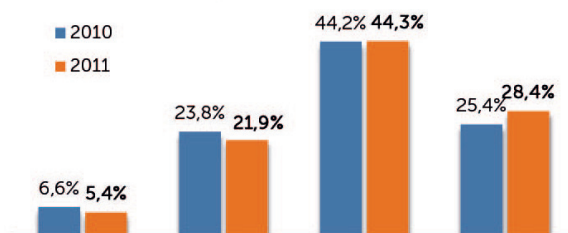
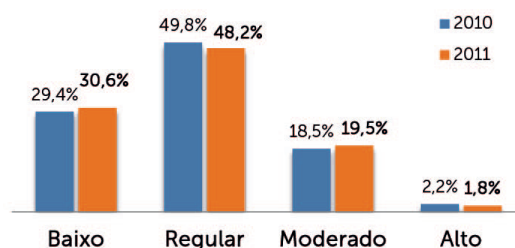


Gráfico 6.

### Emprego&Renda: Distribuição dos Municípios Brasileiros por Grau de Desenvolvimento



## Maiores e Menores

Os níveis de desenvolvimento encontrados nos municípios brasileiros em 2011 continuam dividindo o Brasil em dois (Mapa 1). Em uma ponta, as regiões Sudeste, Sul e Centro Oeste – que juntas possuem 60% dos municípios brasileiros – dominaram os 500 maiores IFDMs, com 98,6% de participação. Na outra ponta, as regiões Norte e Nordeste – que respondem por 40% das cidades brasileiras – predominaram entre as 500 posições mais baixas do ranking, com participação de 94,4%.

Do Sudeste, 292 dos 1.668 municípios ficaram entre os 500 maiores IFDMs de 2011, com destaque para o estado de São Paulo, onde estão 215 das cidades mais bem avaliadas. A região Sul teve 174 das suas 1.188 cidades na seleta lista dos 500 maiores, com grande participação dos municípios do Rio Grande do Sul (71) e de Santa Catarina (64).

Na região Centro-Oeste, 27 dos seus 466 municípios ficaram entre os 500 maiores IFDMs em 2011, com predominância de representantes mato-grossenses (13 cidades). O Nordeste apresentou apenas quatro municípios entre os 500 maiores, sendo três deles do Ceará. Por fim, a região Norte emplacou três dos seus 449 municípios nesse grupo, sendo dois do estado de Tocantins.

No outro extremo do ranking, a maior parte (70%) é oriunda da região Nordeste, onde 350 de 1.794 municípios, ou seja, um em cada cinco ficou entre os 500 piores resultados do Brasil em 2011. Destaque para as cidades baianas (182) e maranhenses (79) – Tabela 2. Em termos relativos, no entanto, o pior quadro ficou por conta da região Norte, onde um em cada quatro municípios (122 em 449) ficou entre os 500 últimos. Somente no estado do Pará foram 67 municípios. Nesta faixa do ranking, a região Sudeste teve apenas 22 cidades - todas mineiras – e a Centro-Oeste seis. Por sua vez, a região Sul não teve sequer um representante entre as 500 menores pontuações do IFDM, feito que se repete desde 2005.

Mapa 1.

IFDM 2011

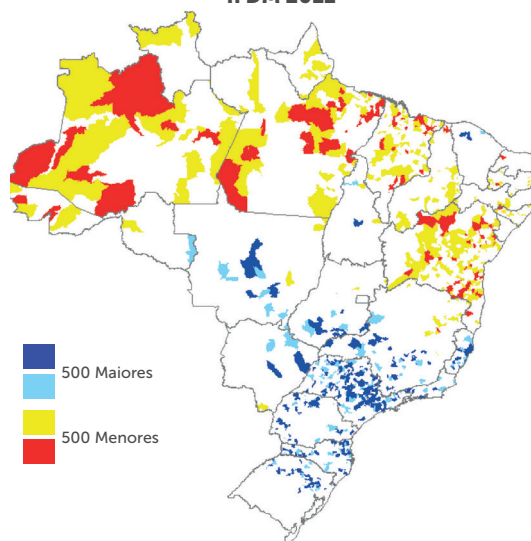


Tabela 2.

Distribuição dos 500 Maiores e 500 Menores por Região e UF

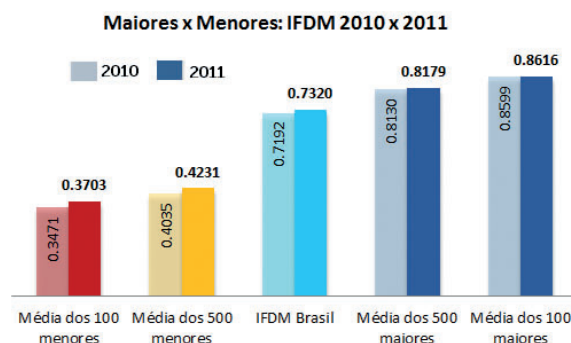
	500 maiores		500 menores		
	UF	%	Munics	%	Munics
<b>Sul</b>		34.8%	174	0.0%	0
	PR	7.8%	39	0.0%	0
	RS	14.2%	71	0.0%	0
	SC	12.8%	64	0.0%	0
<b>Sudeste</b>		58.4%	292	4.4%	22
	ES	2.8%	14	0.0%	0
	MG	10.0%	50	4.4%	22
	RJ	2.6%	13	0.0%	0
	SP	43.0%	215	0.0%	0
<b>CentroOeste</b>		5.4%	27	1.2%	6
	DF	0.0%	0	0.0%	0
	GO	1.8%	9	0.4%	2
	MS	1.0%	5	0.4%	2
	MT	2.6%	13	0.4%	2
<b>Nordeste</b>		0.8%	4	70.0%	350
	AL	0.0%	0	3.4%	17
	BA	0.0%	0	36.4%	182
	CE	0.6%	3	0.0%	0
	MA	0.0%	0	15.8%	79
	PB	0.0%	0	4.2%	21
	PE	0.2%	1	1.4%	7
	PI	0.0%	0	8.2%	41
	RN	0.0%	0	0.6%	3
<b>Norte</b>		0.6%	3	24.4%	122
	AC	0.0%	0	1.4%	7
	AM	0.0%	0	7.0%	35
	AP	0.0%	0	1.2%	6
	PA	0.0%	0	13.4%	67
	RO	0.2%	1	0.2%	1
	RR	0.0%	0	0.8%	4
	TO	0.4%	2	0.4%	2

A diferença entre os extremos do ranking do IFDM – e por consequência entre as regiões brasileiras – dá a dimensão da grande disparidade que ainda persiste em termos de desenvolvimento. A média dos 500 menores IFDMs foi de 0,4231 em 2011, pontuação compatível com um município de desenvolvimento regular e praticamente metade da pontuação registrada entre os 500 maiores, para os quais a média supera a fronteira do alto desenvolvimento (0,8 pontos).

Na prática, esses números apenas quantificam a imagem de “dois Brasis”. Para se ter uma ideia, o número de óbitos mal definidos dos menos desenvolvidos é três vezes pior e a taxa de internações evitáveis por ação da atenção básica é quase o dobro da observada nos municípios mais desenvolvidos. Em Educação, as taxas de abandono escolar entre os 500 maiores são dignas de países desenvolvidos, menores do que 1%, e contrastam com as taxas dos 500 menores IFDMs, mais de seis vezes piores. E por fim, ilustra o contraste do mercado de trabalho, onde há municípios capazes de empregar formalmente mais de 40% de sua população em idade ativa e outros que não chegam a um décimo.

Levando em consideração o ritmo de desenvolvimento registrado desde 2005, é possível inferir que o grupo dos 500 piores IFDMs está a 13 anos de alcançar os padrões de desenvolvimento encontrados naqueles que ficaram no topo do ranking em 2011<sup>8</sup>. Equivale dizer que os municípios menos desenvolvidos enfim chegaram ao mesmo grau de desenvolvimento encontrado entre os melhores em 1998, ou seja, ainda não chegaram ao século XXI.

Gráfico 7.



*“Municípios menos desenvolvidos ainda não chegaram ao século XXI”*

<sup>7</sup> Os municípios do top e do bottom do ranking nacional possuem pontuação no IFDM bastante homogênea, permitindo este tipo de reflexão.

<sup>8</sup> Mantido o ritmo de desenvolvimento observado entre os 500 menores de 2005 a 2010 e os padrões de desenvolvimento de 2011 constantes.

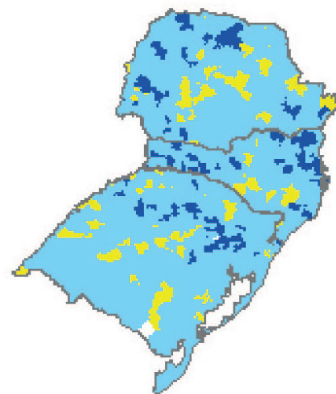
## Regiões Brasileiras

A análise da evolução e do nível de desenvolvimento das regiões revela as particularidades da desigualdade brasileira. A região Sul desponta como a mais desenvolvida do país, com quase a totalidade (92,3%) de suas cidades classificadas com desenvolvimento moderado ou alto – percentual inclusive superior aos já elevados 89,4% registrados em 2010. O Sul ainda se sobressai por não apresentar sequer um município com baixo desenvolvimento no índice geral do IFDM desde o início da nova série histórica, em 2005.

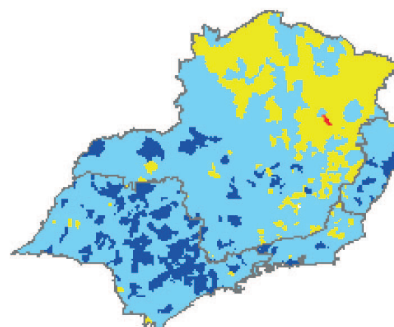
Na região Sudeste, 83,8% dos municípios apresentaram IFDM moderado ou alto. Apesar de esse percentual ser inferior ao observado no Sul, a região se destaca por dominar o grupo das cidades mais desenvolvidas do país: 74 dos 100 maiores IFDMs são do Sudeste, dos quais 67 são de São Paulo. Apesar do cenário majoritariamente positivo, o Mapa 3 evidencia a concentração de municípios com desenvolvimento regular ao norte de Minas Gerais, em contraste com o desempenho preponderantemente moderado do sul do estado. Com efeito, é no norte de Minas Gerais que se encontra a única cidade do Sudeste com baixo desenvolvimento: Água Boa-MG (0,3957).

Terceira região mais desenvolvida do país, o Centro-Oeste possui 77,9% de seus municípios com IFDM superior a 0,6 pontos, percentual próximo ao observado na região Sudeste. A região tem reduzido suas diferenças em relação às duas regiões líderes, graças não só aos avanços no mercado de trabalho, via ascensão do agronegócio, mas também às melhorias na Educação e na Saúde. Vale destacar que pela primeira vez desde o início da nova série histórica do IFDM o Centro-Oeste não apresentou cidades com baixo nível de desenvolvimento.

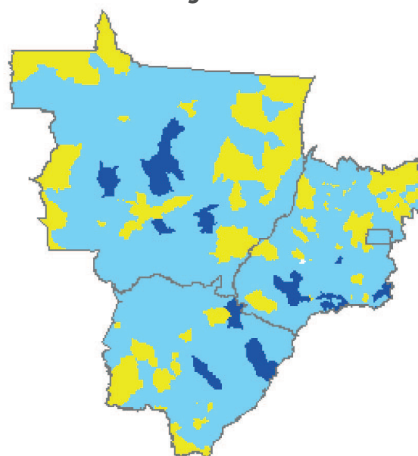
Mapa 2.  
IFDM2011 Região Sul



Mapa 3.  
IFDM2011 Região Sudeste



Mapa 4.  
IFDM2011 Região Centro-Oeste

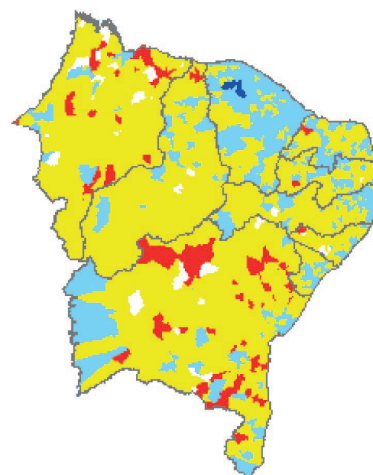




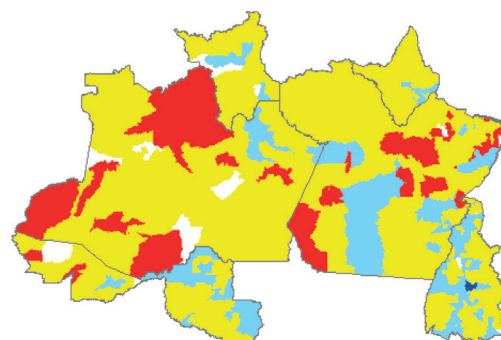
Apesar do avanço considerável entre 2010 e 2011, quando 109 municípios avançaram para a classificação de desenvolvimento moderado<sup>9</sup>, o Nordeste ainda é a região brasileira com maior proporção de municípios com desenvolvimento regular ou baixo (pontuação abaixo de 0,6 pontos). Em 2011, foram 1.347 dos seus 1.794 municípios, 75,1% da região. Apenas dois foram classificados como de alto desenvolvimento – Euzébio e Sobral, ambos no Ceará. Na análise do Mapa 5, fica clara a concentração espacial do desenvolvimento na região: as áreas mais próximas ao litoral apresentam IFDMs mais altos (áreas em azul claro no mapa, indicativas de IFDM moderado), enquanto o interior da região é quase integralmente amarelo (desenvolvimento regular) e vermelho (baixo desenvolvimento).

A região Norte apresenta padrões de desenvolvimento semelhantes a Nordeste: quase três em cada quatro municípios têm classificações de regular ou baixo desenvolvimento (73,5%). Contudo, o Norte apresenta deficiência mais exacerbada na área de Saúde: 18,3% dos seus municípios apresentaram baixo desenvolvimento nessa variável, quase o dobro do observado no Nordeste (9,9%). Apenas os estados de Rondônia, Amapá, Roraima e Tocantins não apresentaram municípios com baixo IFDM e apenas um município em toda região apresentou alto desenvolvimento, Palmas-TO (0,8413).

Mapa 5.  
IFDM2011 Região Nordeste



Mapa 6.  
IFDM2011 Região Norte



<sup>9</sup> Com isso, a região passou a ter 410 cidades com desenvolvimento moderado, 23% do total.

## Capitais

Em 2011, o topo do ranking das capitais foi novamente ocupado por Curitiba-PR, enquanto São Paulo-SP e Vitória-ES alternaram suas posições. A capital paulista assumiu a segunda colocação por manter um bom desempenho na vertente Emprego&Renda, indo na contramão das demais capitais que, em grande maioria, apresentaram recuo na geração de empregos. Estas cidades e Palmas-TO, quarta colocada, integraram o seleto rol dos 100 maiores IFDMs do Brasil.

A vertente Emprego&Renda recuou em 24 capitais, e mitigou o efeito positivo da melhora nas outras duas vertentes. Frente a 2010, 23 capitais avançaram no *IFDM Saúde* e 25 no *IFDM Educação*. Esse foi o caso do Rio de Janeiro-RJ (9º), capital que avançou principalmente na área de Educação. Isso contribuiu para que a capital fluminense galgasse duas posições. Ainda na parte superior do ranking, vale mencionar a evolução de Goiânia-GO (7º), que ganhou três posições com avanços nos indicadores de Educação e Saúde.

Em posições intermediárias no ranking das capitais, Porto Alegre-RS e Teresina-PI apresentaram movimentos distintos. Enquanto a capital gaúcha perdeu uma posição ao recuar em Emprego&Renda e Saúde, a capital do Piauí ganhou quatro após avançar nas três áreas de desenvolvimento – ao lado de São Paulo-SP foi a única que conseguiu isso em 2011.

Na parte inferior do ranking, houve poucos avanços. O principal deles coube a Manaus-AM que cresceu 4,8%, passando para 24º colocação em 2011, com incrementos em Emprego&Renda e Educação. Chamaram a atenção os recuos dos índices de Maceió-AL (-3,2%) e Macapá-AP (-3,5%), últimas colocadas. Ambos ocorreram pela combinação de queda acentuada no indicador Emprego&Renda e recuo em pelo menos uma das duas outras vertentes. Macapá-AP recuou 0,3% no *IFDM Educação*, sendo ao lado de Porto Velho-RO a única capital a registrar queda deste indicador em 2011. Por sua vez, Maceió-AL registrou queda de 0,9% no *IFDM-Saúde*, movimento que em 2011 ocorreu em apenas três outras capitais (Vitória-ES, Porto Alegre-RS e Manaus-AM).

***“Curitiba-PR, São Paulo-SP e Vitória-ES continuaram no topo das capitais”***

***“Nas capitais, Emprego&Renda mitigou o efeito positivo da melhora registrada em Educação e Saúde”***

***“São Paulo-SP e Teresina-PI foram as únicas capitais que avançaram nas três áreas de desenvolvimento em 2011”***

***“Houve poucos avanços na parte inferior do ranking”***

Tabela 3.

Capitais: IFDM e Vertentes

CAPITAIS	IFDM 2011	IFDM 2010	var. 11/10	Emprego & Renda			Educação			Saúde		
				2011	2010	Var.	2011	2010	Var.	2011	2010	Var.
<b>Brasil</b>	<b>0.7320</b>	<b>0.7192</b>	<b>1.8%</b>	<b>0.7219</b>	<b>0.7261</b>	<b>-0.6%</b>	<b>0.7355</b>	<b>0.7082</b>	<b>3.9%</b>	<b>0.7387</b>	<b>0.7232</b>	<b>2.1%</b>
PR Curitiba	0.8678 1º	0.8637 1º	0.5%	0.8048	0.8166	-1.4%	0.8294	0.8082	2.6%	0.9693	0.9663	0.3%
SP São Paulo	0.8642 2º	0.8510 3º	1.6%	0.7905	0.7584	4.2%	0.8948	0.8925	0.3%	0.9073	0.9021	0.6%
ES Vitória	0.8462 3º	0.8591 2º	-1.5%	0.7546	0.8009	-5.8%	0.8708	0.8588	1.4%	0.9132	0.9176	-0.5%
TO Palmas	0.8413 4º	0.8330 5º	1.0%	0.8179	0.8272	-1.1%	0.8577	0.8343	2.8%	0.8483	0.8375	1.3%
SC Florianópolis	0.8348 5º	0.8358 4º	-0.1%	0.7471	0.8006	-6.7%	0.8401	0.7959	5.6%	0.9170	0.9108	0.7%
MG Belo Horizonte	0.8173 6º	0.8090 7º	1.0%	0.8049	0.8145	-1.2%	0.8192	0.8026	2.1%	0.8278	0.8099	2.2%
GO Goiânia	0.8133 7º	0.8011 10º	1.5%	0.8185	0.8189	-0.1%	0.7554	0.7242	4.3%	0.8661	0.8602	0.7%
MS Campo Grande	0.8080 8º	0.8172 6º	-1.1%	0.7244	0.7793	-7.0%	0.7867	0.7684	2.4%	0.9129	0.9039	1.0%
RJ Rio de Janeiro	0.8049 9º	0.7938 11º	1.4%	0.7718	0.7928	-2.7%	0.8119	0.7604	6.8%	0.8311	0.8281	0.4%
MT Cuiabá	0.8042 10º	0.8066 8º	-0.3%	0.7801	0.8244	-5.4%	0.7623	0.7409	2.9%	0.8701	0.8544	1.8%
PE Recife	0.7829 11º	0.7749 14º	1.0%	0.8139	0.8226	-1.0%	0.6915	0.6707	3.1%	0.8434	0.8313	1.5%
DF Brasília	0.7693 12º	0.8021 9º	-4.1%	0.6415	0.7514	-14.6%	0.8030	0.8019	0.1%	0.8634	0.8530	1.2%
RS Porto Alegre	0.7643 13º	0.7807 12º	-2.1%	0.6921	0.7445	-7.0%	0.7265	0.7176	1.2%	0.8742	0.8800	-0.7%
PI Teresina	0.7627 14º	0.7457 18º	2.3%	0.7959	0.7876	1.0%	0.7738	0.7463	3.7%	0.7184	0.7032	2.2%
RN Natal	0.7618 15º	0.7629 15º	-0.1%	0.7810	0.8119	-3.8%	0.6791	0.6620	2.6%	0.8253	0.8147	1.3%
MA São Luís	0.7595 16º	0.7789 13º	-2.5%	0.7565	0.8281	-8.6%	0.7401	0.7348	0.7%	0.7819	0.7738	1.1%
PB João Pessoa	0.7494 17º	0.7486 17º	0.1%	0.7575	0.8147	-7.0%	0.6597	0.6196	6.5%	0.8312	0.8114	2.4%
SE Aracaju	0.7458 18º	0.7438 19º	0.3%	0.7865	0.8266	-4.9%	0.6517	0.6200	5.1%	0.7992	0.7847	1.8%
AC Rio Branco	0.7449 19º	0.7504 16º	-0.7%	0.7900	0.8293	-4.7%	0.7070	0.6971	1.4%	0.7378	0.7248	1.8%
CE Fortaleza	0.7390 20º	0.7355 20º	0.5%	0.8062	0.8221	-1.9%	0.6724	0.6596	1.9%	0.7383	0.7249	1.8%
RO Porto Velho	0.7325 21º	0.7348 21º	-0.3%	0.8279	0.8638	-4.2%	0.6458	0.6474	-0.2%	0.7239	0.6931	4.4%
BA Salvador	0.7215 22º	0.7125 23º	1.3%	0.7827	0.7918	-1.1%	0.6018	0.5790	4.0%	0.7800	0.7668	1.7%
RR Boa Vista	0.7106 23º	0.7313 22º	-2.8%	0.6601	0.7716	-14.4%	0.6999	0.6560	6.7%	0.7717	0.7663	0.7%
AM Manaus	0.7051 24º	0.6725 26º	4.8%	0.7865	0.7182	9.5%	0.6414	0.6065	5.8%	0.6873	0.6927	-0.8%
PA Belém	0.7020 25º	0.6958 24º	0.9%	0.7749	0.8264	-6.2%	0.6487	0.6060	7.0%	0.6824	0.6550	4.2%
AL Maceió	0.6665 26º	0.6884 25º	-3.2%	0.6695	0.7405	-9.6%	0.5355	0.5233	2.3%	0.7944	0.8013	-0.9%
AP Macapá	0.6374 27º	0.6605 27º	-3.5%	0.6851	0.7796	-12.1%	0.6003	0.6021	-0.3%	0.6269	0.5997	4.5%



